

# A cor da festa – cooptação e resistência: espaços de construção da cidadania negra no carnaval baiano

PAULO MIGUEZ\*

---

**Resumo:** Ancorado num repertório cultural de matriz africana, o carnaval baiano sempre se mostrou segmentado do ponto de vista socioétnico-cultural, refletindo a sistemática intolerância racial e cultural das elites locais. Oscilando entre a cooptação e a exclusão, a participação negra na festa sempre recusou, entretanto, a idéia de uma inversão ou anulação das desigualdades cotidianas, dramatizando, ao contrário, o desejo desta igualdade e o reconhecimento de que ela não existe.

**Abstract:** Although settled in a cultural repertory with african origins, the carnival has always showed social-ethnic-cultural segmentation reflecting the systematic racial and cultural intolerance of the local elites. Oscillating between co-option or exclusion, the participation of black people has always represented an explicit refusal to the idea of a simple inversion or annulment of the daily inequalities, providing, thus, the dramatization of a wish of social equality and the realization that it doesn't exist.

**Palavras-chave:** Carnaval. Cultura. Etnicidade.

**Key words:** Carnival. Culture. Ethnic issues.

---

Qual a cor do carnaval da Bahia? Admitir uma cor própria para o carnaval baiano é corroborar a afirmação do poeta, ensaísta e antropólogo baiano Antonio Risério (1993) de que “O Brasil não é o ‘país do carnaval’, como se lê no título do romance de Jorge Amado – e sim um país de ‘muitos carnavais’, como se ouve na canção de Caetano Veloso”. É, portanto, assumir que, para além dos traços comuns que levam muitos estudiosos a classificá-lo

---

\* Aluno do Programa de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia e professor da Universidade Salvador-UNIFACS. E-mail: miguez@svn.com.br

como um “símbolo nacional”, o carnaval apresenta dimensões específicas e particulares, substancialmente diferentes entre si, qualquer que seja a cidade onde a tradição dos festejos carnavalescos tenha importância.

Escolhendo entre estes “muitos carnavais” o da Bahia e o do Rio de Janeiro, a primeira diferença a assinalar é a oposição festa x espetáculo que marca o confronto entre esses carnavais. Enquanto na Bahia a festa é a dimensão por excelência do carnaval – de resto mais de acordo com o seu significado histórico –, no Rio de Janeiro o espetáculo ocupa o lugar da festa, fazendo surgir a separação entre palco e platéia. Vale ressaltar, entretanto que o carnaval baiano vem sofrendo modificações que, ao atuarem no sentido da privatização da festa, têm introduzido elementos – como é o caso do próprio caráter de espetáculo – que comprometem, acentuadamente, o espírito de festa que o caracteriza e diferencia.

Outras diferenças poderiam ser identificadas – por exemplo, os recursos que garantem a saída das agremiações carnavalescas na Bahia originam-se de fontes absolutamente distintas daquelas que financiam as escolas de samba no Rio de Janeiro, na quase totalidade vinculadas aos esquemas da contravenção penal. Embora importantes, interessa aqui ressaltar uma diferença que, seguramente, representa o traço mais decisivamente marcante do carnaval baiano, e que, juntamente com trio elétrico, o singulariza em relação ao carnaval do Rio de Janeiro, e outros mais: a presença da cultura negromestiça permeando e conformando toda a festa. A idéia deste trabalho é, por conseguinte, percorrer momentos do carnaval baiano em que a presença desta cultura negromestiça contribuiu de forma decisiva e definitiva para garantir esta singularidade da grande festa da cidade da Bahia.

O repertório cultural de matriz africana está presente na origem mesma do carnaval baiano. Quer o entrudo, quer as procissões e festividades de caráter religioso, identificados correntemente como sendo as raízes do carnaval, contavam já com a participação da população negra da cidade com suas tradições de origem africana.

No entrudo, jogos festivos de origem lusitana que eram realizados pouco antes do período da Quaresma, enquanto as famílias da aristocracia colonial se divertiam guerreando entre si com “limões de cheiro”, “laranjinhas” e até mesmo bacias de mijo e água suja atiradas das janelas” (Risério, 1981, p. 48), a população negra garantia o tom festivo dos jogos ocupando as ruas da cidade com “música e dança típicas do paganismo africano” (Guerreiro, 1994,

